

ARTIGO 6:

O USO DA TÉCNICA NA PRIMEIRA FRASE DE REPORTAGENS

Felipe Franceschini

RESUMO

Este artigo analisa as estratégias de redação na abertura de reportagens. Diferentemente da notícia, a reportagem pode ser iniciada de diversas maneiras. Por decisão de quem a escreve, essa matéria jornalística pode começar pela apresentação de um personagem, a descrição de um cenário ou a formulação de perguntas dirigidas ao leitor. Algumas dessas técnicas de redação vêm sendo classificadas e apresentadas por autores, como Muniz Sodré. Ao analisar exemplos retirados de veículos nacionais, o artigo indica que uma estratégia muito utilizada é a de abrir o texto com uma frase curta, incisiva, que aponte para o conteúdo da matéria e capture a atenção do leitor. Essa primeira frase pode ser composta apenas por substantivos, sem verbo ou objetos direto e indireto. A estratégia de enumerar substantivos vem aparecendo em reportagens de diferentes profissionais e veículos, constituindo-se em mais uma opção disponível para profissionais de imprensa. A proposta é contribuir para a compreensão e aplicação dessas estratégias por estudantes, professores e profissionais de jornalismo, ampliando o repertório técnico disponível na produção jornalística contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Reportagem; abertura; primeira frase; substantivo.

Como iniciar o texto de uma reportagem? Para o leitor comum de jornais e webjornais, pode parecer que as primeiras linhas do texto são fruto da criatividade ou da inspiração momentânea do autor. Até mesmo jornalistas pouco experientes ou estudantes podem compartilhar dessa impressão. No entanto, profissionais veteranos têm à disposição deles um leque de técnicas, reconhecidas, compartilhadas e que já foram enumeradas, por exemplo, por Muniz Sodré em 1986[1].

Uma dessas técnicas, chamada por Sodré de "Realçar a pessoa"[2], foi utilizada na abertura desse texto, já que a primeira frase é uma pergunta dirigida ao leitor, abrindo entre ele e o autor um diálogo imaginário. O objetivo dessa reflexão é atualizar o debate sobre aberturas de reportagem e auxiliar professores ou estudantes a identificar essas técnicas, com a utilização de exemplos.

Antes de mais nada, é preciso ter claro que o termo reportagem pode adquirir diferentes sentidos. É usado, fora das redações, como sinônimo de notícia. No entanto, para jornalistas, professores e autores, reportagem é um formato específico de texto, diferente da notícia. Ambos são informativos, trazem dados e declarações, usam o mesmo vocabulário e obedecem basicamente às mesmas normas de redação. Mas a notícia, por definição, é o relato objetivo de um fato novo ou que acaba de se tornar conhecido, como um assalto a uma loja. Já a reportagem é o levantamento de informações sobre fenômenos que vêm acontecendo ou aconteceram em outro momento, como um apanhado de dados, personagens e declarações sobre a incidência de roubos ao comércio em uma área da cidade.

A diferença pode ficar clara com dois exemplos. O primeiro é uma notícia, publicada pela versão web do jornal carioca O Dia:

> Um idoso, de 76 anos, foi vítima de um golpe ao usar o caixa eletrônico de uma farmácia, na última sexta-feira (13), em Senador Vasconcelos, na Zona Oeste. Três criminosos fingiram oferecer ajuda para auxiliar o homem e retiraram R$ 10 mil de sua conta.(...)[3]

Já na reportagem da BBC publicada pelo G1, as primeiras frases deixam claro que o assunto é um fenômeno que vem acontecendo, ultimamente, nas universidades britânicas:

---

[1] SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. Técnica de Reportagem. São Paulo: Summus, 1986, p 67-74.
[2] Idem, p 72
[3] O Dia Online, Bandidos fingem ajudar idoso em caixa eletrônico e dão golpe de R$ 10 mil, disponível em https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2024/12/6970772-bandidos-fingem-ajudar-idoso-em-caixa-eletronico-e-dao-golpe-de-rs-10-mil.html , publicado e acessado em 16 de dezembro de 2024.

> Yasmin (nome fictício) veio do Irã para fazer mestrado numa nova universidade do Reino Unido, mas ficou "chocada" ao descobrir que muitos dos seus colegas tinham um inglês limitado e apenas um ou dois eram britânicos.
> "Como é possível continuar este curso sem entender corretamente o sotaque britânico ou o inglês?", disse ela à BBC.
> A maioria dos estudantes pagava outras pessoas para fazerem os cursos, explica, e alguns pagavam pessoas para registrar a frequência deles às aulas.
> A experiência de Yasmin reflete uma preocupação crescente no Reino Unido. (...)[4]

A reportagem acima abre com uma personagem, Yasmin (nome fictício), mas a matéria não é sobre ela, sobre algo que tenha feito ou tenha acontecido com ela. Abrir a reportagem com a personagem para depois passar à questão da qual Yasmin se queixa foi uma técnica usada pelos repórteres Paul Kenyon e Fergus Hewison (ou por um anônimo redator da BBC) para humanizar a questão, dar ao tema um nome (mesmo que inverídico), uma fala, uma experiência.

A reportagem prossegue com as afirmações da entidade que reúne as universidades, do sindicato de professores, fontes independentes, uma denúncia feita sob condição de anonimato, dados numéricos etc.

A dúvida sobre o texto ser uma notícia ou uma reportagem pode ser dirimida com a resposta para uma pergunta: a matéria em questão é imediatista, isto é, teria que ser publicada naquele dia, sob pena de ficar velha? Se a resposta for sim, é uma notícia. É o caso da informação de O Dia sobre o golpe contra o idoso no caixa eletrônico. Se o veículo fosse esperar alguns dias para publicar aquela informação, ela ficaria velha, seria publicada antes pelos concorrentes.

Caso a resposta seja contrária, a de que a publicação da matéria poderia esperar uma semana sem que a história envelhecesse, o texto é uma reportagem. A BBC poderia esperar alguns dias, se quisesse, para publicar a matéria sobre a existência de alunos que não falam inglês em universidades do Reino Unido.

---

[4] G1, Por que universidades do Reino Unido estão sendo acusadas de negligência por aceitar alunos que não entendem bem inglês, disponível em https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/12/16/por-que-universidades-do-reino-unido-estao-sendo-acusadas-de-negligencia-por-aceitar-alunos-que-nao-entendem-bem-ingles.ghtml ,publicado e acessado em 16 de dezembro de 2024.

A utilização do conceito de imediatismo para diferenciar a notícia da reportagem é apontada por Nilson Lage, uma das principais referências acadêmicas no Brasil sobre o texto jornalístico. Referindo-se à reportagem, o autor afirma:

> O imediatismo é menos importante (na reportagem do que na notícia): algumas das mais famosas reportagens foram escritas – ou produzidas – muito tempo depois dos fatos a que se reportam.[5]

Ao redigir uma reportagem, o repórter percorre diferentes técnicas: narração, descrição, redação em tópicos frasais (mesmo que não tenha conhecimento formal sobre a técnica que está empregando). Mas a decisão sobre como iniciar o texto (muitas vezes extenso) pode ser a mais importante para o seu trabalho. O leitor começa o texto, é claro, pelas primeiras linhas e só prossegue se ficar convencido de que aquela matéria vale a pena. Como afirma Muniz Sodré:

> A abertura destina-se, basicamente, a chamar a atenção do leitor e conquista-lo para a leitura do texto. Costuma-se usar palavras curtas, incisivas e afirmativas, estilo direto.[6]

No debate proposto por Sodré em 1986, a primeira técnica de abertura da reportagem apresentada é chamada de “Realçar a visão”. Ela consiste em descrever um cenário, ou um personagem, de modo a transportar o leitor para aquela realidade, época ou ambiente. As outras técnicas são: “Realçar a audição”, ou seja, abrir com uma declaração, uma citação; “Realçar a pessoa”, abrindo um diálogo imaginário com o leitor; “Jogar com fórmulas”, reproduzindo ou parafraseando clichês, frases feitas; e “Jogar com as palavras”, produzindo trocadilhos ou selecionando verbetes que tenham duplo sentido.[7]

Para exemplificar essa última opção, de “jogar com as palavras”, podemos usar a abertura da reportagem de Bruno Caniato, na revista Veja, sobre a receita com os royalties do petróleo no município de Saquarema (RJ):

> Paraíso hippie nos anos 70, quando sediou festivais com artistas como Raul Seixas, e que depois se consolidou como um dos principais pontos de surfe da costa brasileira, Saquarema, no litoral do Rio de Janeiro, agora aproveita uma nova onda: a do dinheiro do petróleo.[8]

---

[5] LAGE, Nilson. Teoria e técnica do texto jornalístico. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p 134.
[6] SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. Técnica de Reportagem. São Paulo: Summus, 1986, p 67.
[7] Idem, p 68 a 74.
[8] Veja edição 2836, 12 de abril de 2023, Na onda do Petróleo, Bruno Caniato, p 42- 43.

A palavra “onda”, que aparece no final da frase, também carrega implicitamente o sentido contido nas informações sobre o surfe (mais diretamente) e ao mesmo tempo sugere o efeito do uso de drogas nos shows de astros do rock.

A opção tomada por Caniato e a Veja reflete uma aposta radical na capacidade da primeira frase estimular fortemente o leitor a prosseguir no texto. No caso acima, a frase é completa em sentido – não depende das posteriores para apresentar, por ela mesma, o conteúdo da matéria, que prossegue com as cifras dessa receita e os investimentos sociais que ela proporciona na educação no esporte.

Seja empregando uma das seis técnicas destacadas por Sodré, seja valendo-se de outras técnicas, repórteres e redatores, frequentemente, procuram por uma primeira frase instigante o suficiente para estimular a leitura. Duda Monteiro de Barros, também na Veja, investiu em uma frase de abertura capaz de chamar a atenção para a reportagem sobre a decadência do hábito de fumar e a ascensão do cigarro a vapor:

> Custou, mas o cigarro saiu de moda. Soterrado por uma avalanche de evidências científicas sobre seus malefícios à saúde...[9]

A mesma procura, por uma primeira frase curta e capaz de resumir o conteúdo do texto, aparece na reportagem de João Vitor Costa no jornal carioca Extra. A matéria é sobre a substituição do Riocard como cartão para bilhetagem eletrônica dos ônibus e outros transportes públicos da cidade do Rio de Janeiro:

> O Riocard está com os dias contados nos transportes municipais. A partir de 1º de fevereiro do ano que vem, o Jaé será o único cartão aceito nos ônibus municipais, BRTs, VLTs, vans e cabritinhos...[10]

Apresentar o conteúdo da reportagem em uma primeira frase, incisiva e curta, capaz de capturar a atenção do leitor, é uma opção. Para aplicar essa técnica, o repórter ou redator precisa ter repertório, imergir no assunto e ter intimidade com o registro escrito da língua. Na revista Época, foi a escolha na abertura de uma reportagem sobre as previsões de grandes empresários do Brasil para a economia em 2018:

---

[9] Veja edição 2746, 14 de julho de 2021, A todo Vapor, Duda Monteiro de Barros, p 64-67.

[10] Extra nº 10.307 em 11 de novembro de 2024, Obstáculos na corrida pelo novo cartão, João Vitor Costa, p 4.

> A elite empresarial brasileira está cautelosamente otimista. Informa que pretende manter investimentos e contratar mais funcionários. Acredita na estabilidade da taxa de juros e da inflação. Aposta que a geração de riqueza aumentará.(...)[11]

Ao investir na primeira frase, quem redige a matéria pode se valer de um clichê, um ditado, que de alguma forma se aplique ao tema da reportagem. É o que Muniz Sodré chamou de "jogar com fórmulas"[12], que podem se parafraseadas ou simplesmente reproduzidas, como fez Ary Filgueiras na revista IstoÉ. A reportagem é sobre o uso de aviões da FAB pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia. A frase feita – atribuída a Paulo Mendes Campos[13] – é frequentemente usada na crônica esportiva, mas desta vez foi empregada na abertura de uma matéria da cobertura política:

> Há coisas que só acontecem com o Botafogo. O ditado de cunho futebolístico também se aplica à política. No caso, há coisas e situações que só poderiam envolver Rodrigo Maia. Desde que seu codinome Botafogo apareceu nas planilhas da Odebrecht, o presidente da Câmara tem evitado passar pelo mesmo constrangimento de outros parlamentares, hostilizados durante voos comerciais. (...)[14]

Já Lucianne Carneiro, em página assinada no jornal econômico Valor, optou por uma primeira frase forte, ao menos para o leitor especializado. Ela redigiu a abertura da matéria com apenas quatro siglas – sem verbo nem objetos direto ou indireto. Para o público do Valor, as siglas traduzem com muita clareza o conteúdo da reportagem sobre os indicadores financeiros produzidos pela Fundação Getúlio Vargas:

> IGP, IPA, IPC e INPC. As siglas são velhas conhecidas de quem acompanha economia, mas também índices que afetam pessoas comuns, usados para o reajuste de tarifas e preços...[15]

---

[11] Época 12 de março de 2018, disponível em https://epoca.globo.com/economia/noticia/2018/03/o-brasil-visto-pelas-30-maiores-empresas.html, capturado em 1 de janeiro de 2025, O Brasil visto pelas 30 maiores empresas, Liana Melo, Kelly Lima e Lívia Ferrari.

[12] SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. Técnica de Reportagem. São Paulo: Summus, 1986, p 67-74.

[13] Lance online, 5 de dezembro de 2023, disponível em https://www.lance.com.br/botafogo/como-surgiu-a-expressao-tem-coisas-que-so-acontecem-com-o-botafogo.html, capturado em 21 de maio de 2025, De onde saiu a expressão 'Tem coisas que só acontecem com o Botafogo'.

[14] IstoÉ 7 março 2018, O deputado voador, Ary Filgueiras, p 34.

[15] Valor Econômico nº 6156, 20 de dezembro de 2024, FGV Ibre reúne indicadores e 'criou' cálculo do PIB, Lucianne Carneiro.

A opção, portanto, foi de produzir uma primeira frase com as siglas de quatro substantivos próprios. Foi uma escolha radical, dentro da proposta de conquistar o leitor com poucas palavras, mesmo que essa primeira frase dependa das linhas a seguir para formar uma ideia completa. Independente da criatividade da jornalista, essa possibilidade não é exclusiva da profissional ou do veículo. Ela aprece em outras reportagens, como a matéria de Lucas Cardoso em O Dia, sobre a ambientação natalina no Campo de São Bento, em Niterói:

> Papai Noel, presépio, boneco de neve, trenó, soldado de chumbo e quebra-nozes. Os símbolos do Natal estão espalhados pelo Campo de São Bento, em Icaraí, na cidade de Niterói, e fazem os olhos de pais e filhos brilharem...[16]

A frase inicial só tem substantivos, sem verbo nem complementos. Como na matéria do Valor, a primeira frase também depende das linhas seguintes para formar uma ideia mais completa.

A decisão de enumerar substantivos na primeira frase aparece em outras reportagens de O Dia. A repórter Tábata Uchoa fez essa opção ao publicar uma matéria sobre o lixo retirado das galerias subterrâneas de água e luz na cidade do Rio de Janeiro:

> Celulares, componentes de computadores e TVs, relógios, pneus, preservativos, roupas, produtos de beleza, móveis e até dinheiro vivo. Não se trata de nenhuma loja em promoção. Os materiais descritos são apenas alguns itens encontrados nas 160 toneladas de lixo, recolhidas mensalmente sob o solo do Rio de Janeiro, nos mais de 50 mil quilômetros de galerias das concessionárias do município.Os detritos, jogados por moradores...[17]

Enumerar apenas substantivos na primeira frase é, portanto, uma escolha recorrente na redação de reportagens. Ao perceber essa técnica quando lê as matérias dos concorrentes, o repórter ou redator passa a contar com mais essa opção ao escrever seu próximo texto.

---

[16] O Dia Online, disponível em https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2024/12/6973303-simbolo-de-niteroi-campo-de-sao-bento-encanta-moradores-e-visitantes-com-decoracao-iluminada-de-natal.html, capturado em 21 de dezembro de 2024, Símbolo de Niterói, Campo de São Bento encanta moradores e visitantes com decoração iluminada de Natal, Lucas Cardoso.

[17] O Dia On Line, disponível em https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-05-14/redes-de-agua-e-esgoto-tem-lixo-objetos-inusitados-e-ate-moradores.html, capturado em 27 de dezembro de 2024. Redes de água e esgoto têm lixo, objetos inusitados e até 'moradores', Tábata Uchôa, em 13 de maio de 2027.

Os exemplos acima apresentados indicam que a busca por uma frase de abertura capaz de cativar o leitor é uma das estratégias usadas por jornalistas na redação de reportagens. “Tiririca faz escola”[18] , escreveu Alan Rodrigues ao iniciar a matéria na IstoÉ sobre um perfil de candidatos surgido após a eleição do palhaço. “Foi uma vergonha”[19], publicou a Veja na frase de abertura de uma reportagem sobre o possível veto presidencial ao código florestal aprovado pela Câmara. “Qualquer chuva, como a da tarde desta segunda-feira (16/12), e todo mundo entra em pânico”, sentenciou Lu Lacerda na Veja Rio[20].

Portanto, seja utilizando as técnicas apresentadas por Muniz Sodré[21], seja seguindo outras estratégias, os profissionais do jornalismo por muitas vezes investem na redação de uma primeira frase, curta e incisiva, capaz de despertar o leitor. Conhecendo essas estratégias, por intermédio de exemplos, é possível ampliar o leque de opções para abrir o texto de uma reportagem.

[18] IstoÉ, nº 2189, em 21 de outubro de 2011. Palhaços na política, Alan Rodrigues.
[19] IstoÉ, 2 de maio de 2012. Veta Dilma, p 26.
[20] Veja Rio, disponível em https://vejario.abril.com.br/coluna/lu-lacerda/chuvas-de-verao-e-o-problema-de-sempre-lixo-entupindo-os-bueiros, capturado em 1 de janeiro de 2025. Chuvas de verão e o problema de sempre: lixo entupindo os bueiros. Lu Lacerda, em 16 de dezembro de 2024,
[21] SODRÉ, Muniz, FERRARI, Maria Helena. Técnica de Reportagem. São Paulo: Summus, 1986, p 67-74.